O Barão de Studart e a Significação de um Centenário

PAULO BONAVIDES

Como festa da cultura, tem a passagem do Centenário do Barão de Studart significação altamente honrosa para o Ceará. Esta terra, pela unanimidade dos seus círculos intelectuais, vai prestar à memória de um de seus mais ilustres filhos as homenagens que a grandeza da obra do Barão sobejamente justifica.

Tornou-se Guilherme Studart na historiografia do Ceará um dêsses nomes a que invariàvelmente há-de socorrer-se, em busca das fontes de compreensão do nosso passado, todo aquêle que quiser conduzir-se em esforços de pesquisa e indagação histórica.

A longa existência dêsse homem singular pelas extraordinárias aptidões intelectuais que reuniu é inconcussamente um exemplo de probidade mental, de larga devoção aos trabalhos da inteligência, de ardente fé na importância de suas investigações, de modelar equanimidade no trato de seus semelhantes e sobretudo de rara capacidade de critério científico, nunca talvez entre nós excedida.

O Ceará, que deu ao Brasil o seu maior romancista com José de Alencar, o seu maior jurisconsulto com Clóvis Bevilaqua, não se contentou no domínio dos estudos históricos apenas com uma figura excepcional.

E ao lado do velho Capistrano de Abreu, cuja memória respeitosamente festejamos na recente passagem de uma data idêntica, colocou o vulto não menos impressionante do Barão de Studart.

Capistrano alargou o seu campo e ofereceu-nos visão de mestre da evolução política, social e administrativa do País. Prestou aí grandes serviços. Foi um benemérito na contribuição com que alumiou as passagens obscuras e difíceis do nosso passado.

Studart se restringiu mais ao Ceará. Mas não foi menor o porte de sua obra. As monografias que escreveu são modelos insuperáveis de método na pesquisa histórica. Mais do que isso pròpriamente: são o esclarecimento definitivo do assunto versado.

Poucos homens amaram tanto a sua terra quanto o Barão de Studart. Raro o trabalho dêsse historiador que não seja a consideração de um tema da vida cearense.

Foi êle um ressuscitador de fatos, um dêsses obstinados da atividade intelectual, que honram com o seu profícuo labor toda uma geração e deixam para o futuro a projeção de um exemplo inconfundível.

Virtude essencial ao historiador é a integridade.

O Barão de Studart, ao pesquisar elementos de épocas extintas, foi íntegro. Daí a razão por que fazem fé os seus trabalhos de cunho histórico e a importância que assumem como verdadeiros monumentos levantados à reconstituição dos homens e dos acontecimentos pertinentes ao Ceará.

Do ponto de vista literário, não foi Guilherme Studart como escritor um artista da imaginação.

O seu estilo, severo e áspero por vêzes, revela, contudo, admirável precisão.

Aquela linguagem de que se serve, linguagem sóbria e segura, é o instrumento adequado ao cientista e exprime a essência de um temperamento que busca primeiro que tudo a exação, o rigor documental. Poderia ter sido um biólogo, um matemático, um físico. Nunca, porém, um poeta.

Studart é da linhagem dos historiógrafos alemães. Há qualquer coisa de medularmente germânico nesse homem de ciência e letras. Qualquer coisa que lembra a E. Meyer na Alemanha ou a Alexandre Herculano em Portugal.

Tem todos os traços de um clássico. Como prosador está longe, porém, de possuir a plasticidade latina de Michelet e Taine ou a fantasia ardente e polêmica de Carlyle.

O romantismo da frase, que aproxima nos franceses e ingleses a história do romance e da crônica, que imperceptìvelmente conduz êsses gêneros a completa consemelhança, como sucedeu em Walter Scott, exemplo mais verídico do parentesco da história com a arte literária, e que fêz de alguns autores consumados mestres do estilo, escritores de prosa tersa e fluente, de palavra elegante e comunicativa, não se compadece muito com a índole do historiador germânico, em cuja escola vamos encontrar boa parte da filiação espiritual do Barão de Studart.

E' esta, talvez, a diferença que vai entre êle e João Brígido. Êste, latino no mais elevado grau. Aquêle, germânico na alma e possìvelmente em suas origens remotas, pois conduzia nas veias o sangue inglês (anglo-saxônio, portanto) de seus antepessados do ramo paterno.

As sociedades literárias do Ceará acharam no infatigável estudioso que foi o Barão de Studart um fautor do florescimento das boas letras.

A Academia Cearense, de que foi fundador, muito lhe deve. O Gabinete de Leitura de Aracati, o Gabinete de Leitura Camocinense, o Gabinete Viçosense de Leitura honraram-se ao inscrevê-lo em seus quadros.

O Barão não era apenas uma glória cearense, mas uma glória nacional.

Homem de índole liberal, a trincheira anti-escravagista levantada pela musa de Castro Alves, pelo verbo de Rui Barbosa e pela fé de Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, foi encontrá-lo entre os seus melhores combatentes.

Médico dos mais ilustres que o Ceará já conheceu, com-

pondo hoje uma honrosa tradição de família, deu aí o Barão de Studart irrefragáveis provas de seus sentimentos fraternais, ajudando os desajudados, socorrendo os enfermos, fundando hospitais, fomentando obras de caridade.

Na consideração de sua personalidade avulta êsse lado humano.

Não foi, como se vê, um egoista ou simplesmente um homem de gabinete, insulado das misérias do mundo. Estas, forcejou por minorar com a sua ação e o seu trabalho, dando à coletividade aquela partícula de boa vontade e esfôrço, que lhe grangeou o respeito e a admiração dos pósteros.

Figuras dessa estirpe vão rareando nos dias que passam.

A decadência dos valores, o triunfo da mediocridade, a negação do esfôrço, a pressa de viver irresponsàvelmente como na iminência de um cataclismo, o desprêso do que possa haver de construtivo e sério nas regiões da moral e do direito, a ansiedade, o medo, a desconfiança lavram dos piores estigmas o caráter da sociedade brasileira e conduzem por isso mesmo ao esquecimento a celebração das grandes datas em que se honram os grandes nomes.

Ramalho Ortigão, ao comemorar-se no século passado o terceiro centenário de Luís de Camões, escreveu no prefácio-crítico da edição de **Os Lusíadas** estas palavras que expõem a mais dura verdade acêrca das relações entre um povo, uma época e um escritor:

"O nível da energia e da dignidade portuguêsa pode determinar-se como num termômetro, pelo grau em que se desenvolve ou se deprime o aprêço público à obra de Camões. Desde o último quartel do século XVI até o fim do século XVII tiram-se sucessivamente vinte e três edições de **Os Lusíadas**; no século XVIII fazem-se apenas dez! A aproximação dêstes números é eloquente. Não se liam **Os Lusíadas** no século da intolerância e do despotismo, no século em que D. Pedro II, celebrando o tratado de Methwen fazia de Portugal uma feitoria inglesa, em que D. João V transformava o reino inteiro em uma torpe sacristia, por cima da qual badalava o carrilhão de Ma-

fra, em que D. José definia o dogma da soberania absoluta e onisciente do rei, e D. Maria I, beata até à imbecilidade, convertia em instituições nacionais o histerismo devoto e a gulodice fradesca".

Como no Portugal do século XVIII, baixou também entre nós o termômetro da consideração popular aos que engrandeceram a terra natal com a sua inteligência e o seu talento, perseverando nos ideais desamparados da pesquisa conscienciosa e da investigação lenta e paciente.

Hoje os que se voltam para os vultos tutelares das letras, da ciência e do pensamento se expõem de certo modo aos motejos da ignorância triunfante ou descobrem em tôrno de si apenas o vazio do silêncio e da indiferença.

O Instituto do Ceará, reagindo, todavia, contra a inércia geral, a paralisação das iniciativas, houve por bem pôr-se à frente de um movimento destinado a lembrar aos cearenses e ao povo brasileiro os inestimáveis serviços que a ciência histórica em nossa Pátria deve ao Barão de Studart.

A sua ação cultural como escritor e homem de seu tempo chega aos nossos dias acentuada cada vez mais na admiração dos que, com justo aprêço e serenidade, sabem medir o alcance e a influência que o Barão de Studart no campo da historiografia está fadado a exercer sempre.

Urge, pois, que o poder público, tão cedo quanto possível, preste a homenagem que cuidamos indispensável a u'a maior divulgação dos escritos de Guilherme Studart: o lançamento, em edição oficial, das obras completas do escritor cearense.

Alagoas fêz assim com Tobias Barreto na passagem de seu centenário. Porque não poderá o Ceará também fazê-lo com o Barão de Studart?